

III ENECULT

TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

MARUJOS EM ALTA, MOUROS EM BAIXA Cotação popular de dois folguedos da cidade de Prado- Bahia

Alexandra Gouvêa Dumas¹

Resumo: Numa pequena cidade do extremo baiano, Prado, enquanto um folguedo goza de ascendente aceitação e valorização, um outro com características, de certa forma, similares, encontra-se em baixa popularidade, anunciando riscos de extinção. Este texto coloca o foco sobre tal questão evidenciando as reflexões de pessoas da comunidade. As respostas apontam explicações que passam pelas especificidades técnicas, estéticas e religiosas de cada folguedo, assim como revelam tensões contemporâneas envolvendo os aspectos econômico, político e simbólico acerca do dinamismo da cultura popular.

Palavras-chave: Prado-Bahia, Marujada, Mouros e Cristãos, Cultura Popular.

Take 1:

Salvador. Tv sintonizada na Rede Bahia, canal 11, transmissora da Rede Globo. Exibição do “Na Carona”, programa televisivo que percorre cidades baianas mostrando paisagens, pessoas e cultura do local visitado. Num sábado do ano de 2004 está sendo exibido o programa rodado na cidade do Prado. Além das imagens que destacam depoimentos, praias, falésias e rios são exibidas cenas da **Marujada**.

Take 2:

Caminhada Axé, evento de porte e reconhecimento significativo na capital baiana, promovido pela Fundação Cultural do Estado. Em desfile pelo principal trecho litorâneo e turístico — Ondina /Barra — grupos convidados representam a cultura das diversas regiões e municípios do Estado. A Marujada está presente representando Prado e demais municípios do extremo sul baiano.

Take 3:

Comemoração a São Sebastião no Prado. Um número reduzido de homens personificados em **Mouros e Cristãos**² desfilam pelas ruas da cidade. Chegam ao destino final: Igreja da Matriz. Lá encontram as portas fechadas por ordens paroquiais.

¹ Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Email: alexandradumas@hotmail.com

² O folguedo conhecido como “Luta de Mouros e Cristãos” recebe, por vezes, a designação, na cidade, de “Mouros e Cristãos” ou apenas “Mouros”. Mouros e cristãos disputam anualmente a posse da imagem de São Sebastião através de diálogos hostis (a embaixada) e luta de espadas. Durante todo o dia, no dia 02 de fevereiro, saem pelas ruas, finalizando a celebração ao santo na igreja, já no início da noite.

No adro da igreja simulam uma luta com diálogos e espadas. Em torno da chamada “brincadeira”, poucas pessoas assistindo. De forma rápida finalizam a apresentação com a tradicional luta de espadas e logo os presentes se dispersam, esvaziando o local.

Os três *takes* descritos brevemente acima, servem como ilustração para uma constatação feita sobre o estado dos dois principais folguedos que acontecem no Prado³. De um lado está a Marujada, com um número crescente de participantes e forte apoio paroquial e comunitário para a sua realização. Do outro, num extremo oposto, está a Luta de Mouros e Cristãos que nos últimos anos vem acontecendo com número reduzido de brincadores⁴, correndo o risco até de não acontecer. A brincadeira⁵, também, encontra na igreja, na figura do padre, grandes restrições para sua realização.

Mas, por que manifestações de cunho similar — popular, tradicional, religiosa — encontram-se em estágios diametralmente opostos em relação à existência e legitimação de suas práticas na cidade do Prado?

A minha intenção com este artigo foi buscar respostas para tal questionamento, consultando moradores locais. O objetivo não foi chegar a uma resposta única, conclusiva e fechada, mas descobrir de que forma as pessoas da cidade refletem sobre este fenômeno. Desta forma, fui ouvir dos residentes suas reflexões acerca desta complexa questão.⁶

Das diversas respostas vindas, construí um painel que reúne as questões apontadas em três blocos temáticos:

- 1) Crença e devoção (o culto aos santos);
- 2) Execução técnica e estética (as especificidades de cada brincadeira: o critério subjetivo de beleza; graus diferenciados de complexidade de execução e transmissão técnica; critérios de participação);
- 3) Tensões contemporâneas (aspectos econômico, político, religioso e comunitário).

Antes de expor o panorama de respostas, faço uma apresentação dos folguedos.

³ Localizada no litoral do extremo sul baiano, na Costa do Descobrimento, distante cerca de 812 km de Salvador. Tem, em média, 14 169 habitantes residindo em área urbana, na sede do município. (Dados do IBGE -Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico). As principais atividades econômicas estão relacionadas com a pesca e com o turismo.

⁴ Equivale ao termo “brincante” usado para nomear participantes de folguedos populares. Em Prado é usado a denominação “brincador”.

⁵ Denominação dirigida a folguedos populares.

⁶ As entrevistas foram realizadas no Prado, no período de 12 a 16 de outubro de 2005, exceto a do Sr José Fontes de Almeida, que aconteceu em 29/12/2004. Foram entrevistadas cerca de 20 pessoas, de forma individual, com faixa etária e profissão diversificadas. Este universo abordado não seguiu uma seleção rigorosa de critérios.

A primeira “brincadeira” citada é a Marujada. Celebrada para reverenciar o santo preto, São Benedito, acontece anualmente em Prado na segunda-feira posterior a Páscoa. As celebrações são realizadas em forma de missa, procissão, visitas às casas e pedido de esmola. Os protagonistas são os “marujos” que no dia do festejo promovem uma missa e saem pelas ruas com passos ritmados, vestidos de branco, entoando cânticos de louvor (“São Benedito, o santo preto, é a imagem do Senhor...”), tocando violas e pandeiros. O figurino é composto por uma bata (chamada de camisú) e uma calça, adornados por bicos e fitas, predominantemente, vermelhos. Na cabeça usam o capacete, uma espécie de chapéu confeccionado artesanalmente, ornado com aviamentos e arrematado, na parte posterior, por um feixe de fitas de cetim coloridas. A aparência estética é mais aproximada das Congadas⁷ do que do aspecto marítimo que o nome sugere.

Participam da missa e da procissão, além dos marujos, fiéis, curiosos e os membros da Irmandade de São Benedito⁸. A irmandade participa da missa e da procissão com uma performance gestual em tom solene e contido enquanto os marujos tocam e cantam festivamente.

Nos últimos anos a Marujada de Prado vem tendo destaque como representante cultural da cidade, sendo convidada nos dois eventos citados — *takes* 1 e 2 — e, ainda fazendo parte, juntamente com a Marujada de Jacobina, de Saubara e de Paratinga, do vídeo-documentário “Marujada” da série Bahia Singular e Plural, realizada pela TVE Bahia em agosto de 2001, com exibição em rede nacional.

Nos últimos anos, o número de marujos vem aumentando, ou até se mantendo em cerca de oitenta pessoas, gerando até uma associação⁹ que agrega e responde pelos interesses dos marujos e pela organização da festa.

No panorama geral, a Marujada vem se constituindo como ícone da cidade, despertando e alimentando o encantamento de seus moradores, ratificado pela sua presença na mídia e no interesse demonstrado pelos turistas em fotografar a brincadeira.

O terceiro *take* apresentado diz respeito a um outro folguedo pradense, a Luta de Mouros e Cristãos. Este folguedo tem como característica nas suas apresentações uma

⁷ Folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito à religiosidade. CASCUDO, 2001, p. 149.

⁸ As Irmandades são “modelos associativos de fiéis surgido na Europa medieval e difundido no contexto da reforma tridentina, sob o influxo de fatores diversos, tais como a valorização da religiosidade leiga, a difusão ao culto dos santos e os esforços missionários destinados a assegurar a perenidade da evangelização das populações do interior do continente”. VAINFAS, 2000, p. 316

performance mais teatral, com representações de personagens, falas e roteiro mais definidos, se comparada à Marujada. A celebração acontece para reverenciar São Sebastião. No dia dois de fevereiro, um grupo de homens vestido de vermelho— os mouros — e outro de azul — os cristãos — saem em separado pelas ruas. Percorrem a cidade portando espadas, ao som de uma flauta e um tambor¹⁰, simulando um exército em guerra. Ao se encontrar, posicionam-se em fileiras, uma frente a outra e dão início a um combate verbal — a embaixada — com capitães e embaixadores de cada grupo recitando falas hostis. Não havendo entendimento pelo diálogo, partem para uma luta, onde os exércitos opositores, se digladiam em golpes de espada. Passada esta etapa, voltam a marchar pelas ruas até acontecer o próximo encontro. O roteiro da batalha tem como conflito a disputa da posse de uma imagem do santo homenageado. A “brincadeira” tem como desfecho a recuperação da imagem pelos cristãos e a conversão dos mouros ao catolicismo, numa representação de batismo.

Nos últimos anos¹¹ a “Luta dos Mouros e Cristãos” tem passado por crises existenciais no que diz respeito às suas apresentações. Percebe-se que tal folguedo tem despertado pouco interesse na mobilização de novos participantes. Com isso, o número de brincadores vem, progressivamente, diminuindo, chegando até a comprometer a saída no dia tradicionalmente esperado.

Perante a Igreja, “mouros e cristãos” também vem gozando de baixa aceitação. A comemoração a São Sebastião acontece, em Prado, no dia 02 de fevereiro, juntamente ao dia da padroeira, Nossa Senhora da Purificação, principal festa católica da cidade. A data oficial destinada ao santo, entretanto é dia 20 de janeiro¹². Os principais líderes da paróquia querem que a festa de São Sebastião seja desvinculada do dia da festa da padroeira para acontecer no seu dia oficial e que seja deslocada, também, da tradicional Igreja Matriz e indo para a segunda igreja católica construída na cidade, a Igreja de São Sebastião, localizada no bairro periférico de mesmo nome. “Mouros e Cristãos” e parte da população discordam com as transferências.

⁹ Associação “Negritos de São Benedito” presidida por Dona Dajuda de Cesário, esposa do finado Cesário, mestre durante décadas da brincadeira.

¹⁰ Na brincadeira, conhecidos por gaita e caixa, respectivamente.

¹¹ Venho acompanhando mais sistematicamente a “Luta de Mouros e Cristãos” a partir de 2002, por conta da minha pesquisa de mestrado defendida no PPGAC/UFABA em 13 de dezembro de 2005, que abordou tal objeto.

¹² A mobilidade dessa data em Prado aconteceu há muito tempo, provavelmente desde a sua origem, devido a ausência e a dificuldade de locomoção de um padre para a realização de duas festas em datas tão próximas. Dessa forma, o dia da padroeira reunia os principais eventos católicos como a festa de São Sebastião, batizados, casamentos, etc.

A decisão paroquial, ainda em trâmites de implantação e resistência, desloca “mouros e cristãos” do espaço e tempo centrais de Prado para um “palco” periférico de visibilidade restrita e pouco valorativa. O trecho apresentado no *take* 3 ilustra tal situação.

Mesmo se tratando de festejos de caráter popular e religioso, lembrados e citados por pessoas da comunidade como principais eventos da cidade, a situação vivida pelos “marujos” é bastante diferente da vivida por “mouros e cristãos”.

A partir de agora, exponho algumas reflexões que compõem o panorama de respostas dadas para compreensão de tal situação.

Crença e devoção

Neste primeiro item estão localizadas reflexões que tratam de questões relacionadas às especificidades de devoção e organização em torno de cada santo reverenciado por marujos, mouros e cristãos.

A professora Maria das Graças Santana dos Santos (Gracinha), 46 anos, expõe em seu depoimento uma observação concernente à questão de identificação étnica com a devoção a São Benedito:

Os mouros e cristãos tem como padroeiro São Sebastião e as pessoas aqui não são tão apegadas a São Sebastião. A Marujada, não. É aquela coisa de fé mesmo, de ter bem próxima a imagem de São Benedito. E até aquela coisa de... da cor. Você vê que tem mais negro na marujada do que o branco mesmo. Tem mais negro na marujada por que São Benedito é negro. Quem puxa a marujada é São Benedito então prá completar a festa, tem que ser com negros. Eu já ouvi isso deles. Ah, o padroeiro é São Benedito, o padroeiro dos negros. Por causa até da cor.

O “santo preto”, como é chamado pelos marujos e fiéis pradenses, é retratado com vestes e cabelo de frei franciscano. A cor da sua pele e a proximidade com a escravidão fizeram com que esse santo fosse fortemente reverenciado por negros brasileiros. Na sua hagiografia, consta que seus pais, etíopes, fizeram votos de castidade logo após o casamento com medo de ter filhos e estes tornarem-se escravos como eles. O voto foi quebrado quando o patrão deles prometeu libertar todos os filhos de seus escravos. Assim nasceu Benedito, no ano de 1524, na ilha da Sicília, na Itália. Acredita-se que o culto ao santo no Brasil tenha se iniciado na Bahia, por volta de 1686. A pele negra do santo fez com que os escravos vindos da África para o Brasil, obrigados a se converter ao catolicismo, elegessem esse santo para ser cultuado¹³.

¹³ DIDONÊ, 2005, p. 21.

Na “Marujada” de Prado aspectos da cultura africana podem ser percebidos na performance dos marujos. Além de se detectar um número majoritário de pessoas de pele negra no folguedo, a presença cultural africana expressa-se na execução da “chula”, um tipo de dança executada pelos marujos na frente da igreja, antes do cortejo partir para o desfile pelas ruas. Na chula, a música tocada com pandeiros e violas, tem um ritmo acelerado e cadenciado. É dançada aos pares no centro de uma roda ou entre duas fileiras. Mesmo tendo traços de origem portuguesa — pelo menos no nome — a chula dos marujos pradenses apresenta similaridades acentuadas, no movimento e na disposição coreográfica, com o samba-de-roda, típico do recôncavo baiano.

A quantidade de pessoas de pele negra no folguedo, à primeira vista, parece ser maior ao que pode ser identificado na população pradense. Os habitantes da zona rural e pessoas de baixa renda da urbe são os brincadores com maior participação no festejo.

A professora Maria das Graças afirma: “Você não ouve falar em milagres de São Sebastião, aqui no Prado. Mas você ouve pessoas que falam em milagres de São Benedito, em graças alcançadas por São Benedito. Então é isso que eu acho que fortifica mais a Marujada, a crença”.

Um outro ponto destacado nesse primeiro item é colocado pelo economista e bancário Alberto Gouvêa Dumas, 39 anos. Para Alberto, o fato de existir uma Irmandade de São Benedito¹⁴, que se encontra durante o ano nas missas e festas da Igreja, faz com que a “Marujada” tenha vínculos sociais fortes, gerando uma organização maior para agregar pessoas no seu festejo.

A marujada tem mais força que os mouros, eu acredito que seja pelo fato de existir uma irmandade. Tem uma Irmandade de São Benedito e são pessoas que mantêm isso, um grupo que unido procura transmitir isso e mantêm uma organização. Coisa que não acontece com os mouros. Nos mouros, não tem a Irmandade de São Sebastião. Então, essa tradição dos mouros tá restrita, praticamente, à figura de Seu Romildo¹⁵, que eu acredito que quando vier a falecer, vai demorar poucos anos e a tradição vai acabar.

¹⁴ A Irmandade de São Benedito é uma das três irmandades da Igreja Matriz de Prado (Sagrado Coração de Jesus, Irmandade do Divino). Das três, a Irmandade de São Benedito é a que tem o menor número de participantes. Seus membros, em dia de festa, vestem terno escuro e no pescoço uma fita em forma de colar de cor marrom escura, com um pingente do santo homenageado. “As irmandades negras, sobretudo as de escravos, desempenharam, com as bênçãos da Igreja e do padroado régio, papel relevante no processo de aculturação da população africana, estimulando-a ao exercício dos ritos católicos e à participação nos sacramentos. (...) Para os cativos e libertos, destituídos de quase tudo, forneceram importantes meios para eles se exprimirem culturalmente e construírem uma identidade própria. (Sérgio Chalon). VAINFAS, 2000, p. 317.

¹⁵ Seu Romildo tem 80 anos e há mais de 50 é o “embaixador mouro” na “Luta de Mouros e Cristãos” de Prado.

Maria das Graças corrobora com essa reflexão. Para ela “os marujos têm a Irmandade de São Benedito. E São Sebastião não, é só os mouros mesmo”.

É possível que essa identificação étnica com o santo seja uma das motivações para que o folguedo esteja em alta cotação no mercado cultural da cidade.

Entretanto, há outras possibilidades de respostas agrupadas no item seguinte.

2. Execução técnica e estética

As questões aqui colocadas dizem respeito às especificidades de execução técnica e estética das brincadeiras analisadas.

Algumas pessoas colocam que o critério subjetivo da beleza é um dos principais elementos na aceitação da Marujada por parte da comunidade. Elza de Oliveira (Dona Elza), lavadeira aposentada, 60 anos, Janile Machado, 12 anos (Ninha), Breno Coelho, 7 anos e Nilton Bonfim da Ressurreição, 49 anos, apontam a superioridade da beleza da Marujada, comparada aos Mouros, como fator influente na recepção/ aceitação popular, e, segundo eles, esse reconhecimento estético reverbera no atual estado da brincadeira. Para Nilton da Ressurreição, professor e ex-presidente da Colônia dos Pescadores do Prado, “a própria beleza artística é levada em consideração. E com isso a própria comunidade tem dado muito mais apoio à Marujada do que aos mouros”.

Já o pescador e brincador cristão Cosme Oliveira Maciel dos Santos, 50 anos, usa o mesmo critério relativo à beleza para posicionar-se favorável aos mouros e cristãos, folguedo do qual participa há mais de trinta anos:

Eu tenho mais paixão é pela festa de São Sebastião por que ela não tem esse negócio de limpeza, é por conta do pau mesmo, por conta da espada mesmo, entendeu? Quer dizer a festa de São Benedito é uma festa mais civilizada, um negócio assim, mais... o pessoal todo de branco, fica mais bonito e a festa de São Sebastião não. A gente rola no chão, quebra espelho, faz isso e faz aquilo pro povo achar mais bonito e quanto mais a gente faz isso o pessoal acha mais bonito.

Simon Costa Fontoura, 10 anos, analisa a sua experiência e aponta as especificidades de execução técnica como delimitador da sua participação em um dos folguedos. Ele já foi um dos marujos da festa de São Benedito e justifica a não participação como “um mouro ou um cristão” afirmando: “A marujada é mais fácil por que não precisa lutar de espada. Na marujada é só tocar o pandeiro.”

O aspecto de apresentação coletiva dos “marujos” é muito mais acentuado, se comparada aos “mouros”. No primeiro folguedo citado, cada brincador executa sua performance num grupo grande onde a sua ação não destaca a sua individualidade, ou seja, a música e a dança são executadas por todos sem uma particularização evidenciada

de uma pessoa, mas sim do grupo. Esta característica possibilita a participação até de pessoas que não têm as habilidades musicais e coreográficas básicas para acompanhar o grupo, pois podem tanto aprender no momento da apresentação ou até mesmo passar despercebidas seguindo o grupo sem executar os passos dançados ou a música.

Já para vir a ser um “mouro” ou um “cristão” as coisas são bem diferentes. Além da especificidade técnica exigida com o manejo das espadas, a brincadeira dos mouros se configura em personagens definidos como capitão, embaixador, alferes de bandeira, sargento e soldado. Cada um dos brincadores ocupa um papel num contexto acentuatadamente dramático. A situação particulariza, em determinados momentos da apresentação, a atuação dos participantes. Capitães e embaixadores recitam um texto — a embaixada — nos espaços abertos da rua e das praças exigindo um conhecimento e memorização prévios dos diálogos e uma capacidade de expressão vocal exercitada com certa antecedência. Nesse trecho dramático o foco da apresentação recai sobre esses personagens e não sobre a coletividade.

Após a embaixada, a performance dos lutadores com suas espadas é o destaque. Os objetos feitos com ferro exigem uma certa habilidade no manejo, para que não ofereçam perigo aos brincadores e ao público que assiste. A destreza com as espadas serve também como atrativo de beleza.

O critério de participação envolve outros itens como o gênero e a faixa etária. Num contexto representativo de uma batalha o universo masculino e adulto é soberano. Pode-se ver, esporadicamente a participação de mulheres¹⁶ e de crianças. Mas a hegemonia e a hierarquia é, tradicionalmente, masculina.

Fabiana Mascarenhas de Almeida, 26 anos, artesã, foi quem atentou para essa questão:

Nos mouros e cristãos tem texto e tem os papéis que cada um faz. E aí já é mais complicado aprender. Na marujada você vai prá cantar e prá dançar. É mais fácil. As pessoas se adaptam melhor à marujada do que aos mouros e cristãos e por isso mais pessoas se interessam pela marujada. Na marujada tem aquela coisa de grupo, é mais animada, mais alegre e não tem aquela coisa separada, onde um comanda, faz uma coisa determinada. Na marujada crianças e mulheres participam e já nos mouros e cristãos, não.

A especificidade de execução técnica remete a uma outra questão: a transmissão. Cada brincadeira oferece grau diferenciado de aprendizado, o que interfere no grau de

¹⁶ Nos anos de 2002 e 2004 aconteceram as primeiras participações femininas com duas jovens fazendo o papel de alferes de bandeira, uma em cada lado dos grupos. Em 2005 apenas homens brincaram.

dificuldade para transmissão dos conhecimentos construídos, preservados e transformados no decorrer dos anos.

Alberto Dumas, em relação aos mouros e cristãos afirma que :

Não existe uma relação de aprendizado dos mais antigos com os mais novos, e os mais novos não demonstram interesse, e acho que isso advém da falta de informação. Os mais novos não sabem o por que que existe isso, não sabem qual é a cultura que existe toda por trás disso e não são incentivados a procurar. Não se fala sobre isso nas escolas. Isso não é transmitido pros jovens, seja por meio da família, seja por meio da escola devido, principalmente, a uma falta de interesse, acredito, econômico das pessoas em manter isso. Não se percebe pessoas novas participando das embaixadas. Não tem um interesse da cidade em manter isso. Você não percebe nenhum incentivo por parte da prefeitura.

O caráter declamativo, específico da cena dos mouros interfere em outro ponto do espetáculo: a platéia. A fala de capitães e embaixadores solicita uma platéia atenta e apta a acompanhar o espetáculo. Como o espaço da rua e praças não favorece uma acústica para essa ação, o esforço, a prática dos brincadores e a disposição do público nem sempre são suficientes para que a platéia consiga acompanhar a performance dos brincadores, em alguns casos, gerando desinteresse. Vivemos numa realidade auditiva e tecnológica muito diferenciada do tempo de origem dessas manifestações. O sentido da audição está, cada vez mais, atrelado aos meios tecnológicos para ampliação do som, até mesmo nos espetáculos de rua. A audição da platéia vem sendo condicionada a volumes mais altos no seu cotidiano. A este exemplo, Sirlene Gouvêa, diz, referindo-se a “luta de mouros e cristãos” que aconteceu no ano de 2004 em Heuvécia¹⁷: “Dessa vez foi legal por que tinha o microfone do trio, o ‘sem fio’, e aí deu o microfone pra eles [mouros e cristãos no momento da embaixada] e aí todo mundo ouviu. Foi bom mesmo”.

A interação com novas tecnologias na declamação das embaixadas, como o uso do microfone, não faz parte da cena de mouros e cristãos pradenses. Acredito que esse aspecto da teatralidade — voz e emissão — interfere na recepção do público podendo gerar desinteresse por esse evento espetacular.

3. Tensões contemporâneas

Neste terceiro bloco abordo o que considero, atualmente, como a mais polêmica das questões ligadas ao aspecto religioso e festivo da cidade. Nos últimos anos vem acontecendo uma rotatividade de padres residentes em Prado. No último e no atual

¹⁷ Distrito de Nova Viçosa, município pertencente a região do extremo sul baiano.

posso identificar um posicionamento comum no que diz respeito aos “mouros e cristãos”: são favoráveis às mudanças da data e do local da festa de São Sebastião.

O padre Ariston de Araújo¹⁸, 43 anos, justifica-se:

Não é correto a celebração a tantos santos numa mesma igreja. Não pode ter mais de um padroeiro numa casa, em uma paróquia. Não pode ficar tanta festa de santo numa mesma paróquia, por que aí fica uma disputa de santo e religião não é pra disputar. Religião é pra levar a santidade e espiritualidade pras pessoas. E aí não pode fazer uma festa de santo que se destaque mais que a padroeira, aí não fica correto. A padroeira é que deve ser a mais destacada, é a dona da casa. Por isso é que cheguei aqui e tirei o São Jorge daqui. Por que senão fica muita festa e aí complica até a vida do padre.

Nilton Bonfim posiciona-se dizendo:

Há pouco tempo, por volta de cinco anos prá cá a própria Igreja tem deixado isso de lado, não tem dado apoio. Por conta de que... com mudanças de local e data da festa também tem contribuído pra isso, pra essa falta de incentivo. Se criou um novo bairro com esse nome e querem passar essa festa prá lá. Em todos os eventos tá a Marujada e os Mouros tão sempre em segundo plano.

Claudinete Santos Tavares, 67 anos, professora aposentada, aponta explicações em seu depoimento:

As pessoas que eram da Carismática¹⁹, elas acharam que os Mouros e Cristãos não podiam participar. Isso é a nossa tradição, a nossa cultura! A Igreja mesmo não faz nem questão que saiam os mouros e os cristãos. E isso tá errado. Acho que os padres que aqui chegam, eles tem que se adaptarem à realidade e à cultura do nosso povo.

Alberto Dumas completa:

Tem também o fato da Igreja Católica tá hoje também não interessada em manter essas tradições. Acho que eles sempre consideraram essa festa um pouco pagã, uma festa pagã e aí eles não têm interesse em manter isso, principalmente na figura do padre que tá fazendo uma mini- revolução conservadora em termos de tradição de rituais daqui da cidade.

O padre Ariston apresenta seus argumentos:

Eu aprovo as festas religiosas desde que o povo saiba fazer uma festa sadia. A Igreja não aprova muito, mas também não desaprova. Eu desaprovo as condutas, os comportamentos deles, sobretudo os mouros e cristãos. Eles aparecem em alguns movimentos, é muita cachaçada. Eles não se reúnem pra fazer uma festa religiosa pela fé, mas parece que vai mais pela bebida, pelo alcoolismo. Isso eu não aprovo e não aceito nas festas. O nosso objetivo é cultivar essa fé e fazer com que ela cresça, mas conscientizando os cristãos de que a nossa prática de fé é, primeiramente, não é estar com nosso devocionismo, só tá seguindo a tradição de um santo, mas sim, estar a

¹⁸ O padre Ariston assumiu a paróquia de Prado em de 2005. Foi ordenado em dezembro de 2004, sendo esta a sua primeira paróquia. O pároco anterior foi o frei Valdir Leite.

¹⁹ Movimento de Renovação Carismática é um segmento da Igreja Católica com um número crescente de adeptos no Brasil. Os últimos párocos de Prado revelaram-se simpáticos a esta corrente. As celebrações “carismáticas” assemelham-se aos cultos evangélicos. Revelam-se mais ortodoxos e resistentes em relação ao sincretismo religioso.

serviço do reino, no compromisso com o reino de Deus. Aí quando sai fora do limite, eu cobro mesmo! E por isso eu impeço, às vezes, que eles apareçam em certas festas.

A “cachaçada” citada pelo padre é uma referência a um tipo de celebração inerente à brincadeira dos mouros, sendo, em alguns casos, oferecida pela própria comunidade que assiste como agradecimento pelas apresentações. É uma forma de socialização espontânea, por não acontecer num momento determinado da festa, mas cumprida por muitos dos brincadores em boa parte do trajeto que fazem pelas ruas e rápidas entradas nas casas por onde passam. Alguns, inclusive, justificam nesse ato uma preparação para a exibição de coragem e destreza inerente às suas performances com as espadas. João Domingos, ex-mouro, explica: “Eu bebia sabe por que? Pra poder lutar”²⁰. Entre os próprios brincadores o assunto “cachaça” é controverso. Cosme Maciel, atual brincador “cristão” é contrário à ingestão de bebidas alcoólicas durante o festejo alegando que a alteração do estado do corpo pelo álcool é inadequado para quem lida com objetos cortantes, como as espadas. O ex-prefeito José Fontes de Almeida (10/09/1919- 08/12/2005) chegou a sentenciar colocando esta questão como preponderante no atual estado de popularidade dos folguedos: “Agora, os Mouros se não derem apoio vai acabar. A marujada não. Por que aquilo tá forte. Agora também eles não contribuem. Eles enchem a cara!”

A bebida alcoólica, componente de diversos rituais religiosos, nas missas católicas aparece no momento da Eucaristia celebrando a presentificação de Cristo sob as aparências do pão e do vinho. Neste momento, a comunidade católica se agrega em torno desse ritual de integração social. Maffesoli observa em atos dessa natureza o que ele denomina de “fraternidade da comunidade”. Para ele, “o vinho sagrado é o seu vetor essencial, pois é por ele que o corpo individual se amplia em corpo coletivo.”²¹

Parece que, para a cúpula Carismática da Igreja de Prado, a dimensão comunitária proporcionada pelo ritual coletivo da ingestão etílica fica sucumbida pelo caráter desestabilizante que o álcool proporciona, principalmente, por este estar ligado às “coisas desordenadas e efervescentes que são indispensáveis ao equilíbrio individual e societal”²².

Para a Igreja a cachaça parece ocupar um espaço de ameaça a uma ordem rígida de comportamentos, uma ameaça ao controle sagrado vinda pela dimensão prazerosa, comunitária e espaçosa que o profano preenche no festejo a São Sebastião. Desta forma,

²⁰ DUMAS, 2005, p. 140.

²¹ MAFFESOLI, 2005, p. 122.

²² MAFFESOLI, 2005, p. 121.

justifica a rejeição a “mouros e cristãos” na principal festividade religiosa da cidade, colocando-os “à margem das festas”, como afirma a professora aposentada Lúcia Maria Santos Rodrigues, 55 anos.

Como a Marujada não tem uma relação mais explícita com a “cachaçada” ela goza de boa reputação diante da Igreja.

Seguindo para um outro ponto, chega-se ao aspecto econômico. Relacionado ao poder aquisitivo dos brincadores aparece, especialmente, nas questões do figurino. Este componente do espetáculo evidencia tensões estéticas e políticas. Estética no que diz respeito às condições de apresentação das roupas. Ao depender dos próprios brincadores, a compra e a renovação do figurino fica condicionada ao poder aquisitivo dos participantes. Como a maioria é composta por pescadores, classe de baixo poder de compra na cidade, o figurino aparece em condições diversas, por vezes, roto e desconfigurado. Na brincadeira dos mouros, por consequência, há uma variedade em tons de vermelho e azul, que compromete a unidade visual e estética da corporação. Mas, o principal efeito atinge a quantidade de brincadores compondo a representação, limitada pela impossibilidade de compra. Por esta razão que os líderes da “Luta” recorreram ao poder municipal para que a Secretaria de Turismo e a Diretoria de Cultura assumissem essa responsabilidade. O poder executivo resistiu e diante do impasse político, de resistência do executivo em acatar como sua a responsabilidade na compra do figurino de mouros e cristãos, algumas pessoas da comunidade entrevistaram para uma resolução, culminando na compra e confecção das roupas no ano de 2005 pela prefeitura.

José Fontes, o ex-prefeito, abordou tal questão afirmando:

Olha, eu acho que por conta de (falta) apoio ou interesse, me perdoe, da administração municipal, da Secretaria de Turismo. Hoje o turismo em Prado resume em trio elétrico, carnaval e umas bandas na praça. Acabou tudo. Acabou pastorinhas, acabou bumba-meu-boi... Quer dizer, a gente tem que incentivar. A pastorinha, por exemplo... Quem sai nesses Ternos de Reis cantando, batendo o pandeirinho de folha, são pessoas humildes, pobre. Por que a pessoa de classe média não quer tá fantasiada. Pra eles é uma humilhação. Então o que é que o poder público tem que fazer: investir, entendeu? Comprar vestimenta, ajudar as pastorinhas, por que não podem, são pobres. E só em elas saírem e se oferecerem, isso aí já é uma grande vantagem. Então, tem que dar apoio.

Alberto Dumas enxerga o investimento cultural ligado diretamente ao econômico: “Eu acredito até que se você incentiva esse lado da tradição e da cultura da cidade, isso vira um atrativo a mais. E essas tradições aqui, acontecem na época que tem turistas e aí não tem incentivo nenhum para que isso se preserve.” Para ele, a ampliação

de uma platéia consumidora, os turistas, por exemplo, pode ser uma via de investimento tanto cultural como econômica. “por que se você manter essas tradições você acaba atraindo turistas e isso não ocorre na visão de quem tá governando e tampouco das próprias pessoas que fazem essas manifestações”, diz Alberto.

Fabiana Mascarenhas, a artesã, reconhece na exploração do turismo uma outra função: “ É bom que pessoas de fora vêm, por que aí valoriza mais. Por que aqui, às vezes, não valoriza muito o que é daqui. Normalmente, as pessoas de fora têm que vir e dar algum valor pra que a gente tenha uma outra visão do que é da terra mesmo”. A adolescente Juma Almeida, 12 anos, posiciona-se: “A gente não tem que fazer cultura só pros turistas. A gente mora aqui o ano todo, então a gente tem que ter isso durante o ano e não só no verão ou em temporada.” Justifica a sua reivindicação, declarando:

Deveria incentivar os mais jovens pra eles participar, prá não ficar achando que é mico participar de uma procissão, da marujada, dos mouros e cristãos. Acho importante a gente conhecer essas festas, por que a gente vê de onde a gente vem, a sua raiz. Eu não nasci aqui, mas morei a maior parte da minha vida aqui. Então me considero daqui. Então eu acho que mouro e cristão, a marujada fazem parte da minha vida. Eu não me vejo, assim, numa cidade que não tenha essas festas. Acho que eu ficaria um pouco perdida. Eu acho que isso faz parte da nossa vida e sem isso a gente ficaria sem um chão.

As tensões, reflexões e declarações até então expostas passaram por uma organização onde pontos podem estar justapostos na tentativa de compreensão das atuais situações colocadas nos folgedos em questão— Marujada e Luta de Mouros e Cristãos de Prado.

Podemos destacar que o caráter local, referente uma determinada cidade, tem uma dimensão mais ampla que serve para ilustrar pontos globais no que tange as culturas tradicionais e o seu diálogo com a indústria cultural e com as formas contemporâneas de valorização destes bens simbólicos.

No caso da Marujada, encontramos uma comunidade que legitima este evento numa relação de trânsito mútuo com sistemas externos. Ou seja, a televisão e demais meios dão visibilidade, divulgam para um público massivo a existência e, por consequência, elevam o valor no espaço de origem desta manifestação, por estar em alta cotação na cidade é escolhida como sua representante. Marujos conseguem dialogar com as formas contemporâneas de reconhecimento cultural: interagem e redefinem seu status e até sua forma de organização e apresentação.

No entanto, mouros e cristãos, diante das especificidades já apontadas nos depoimentos feitos pelos moradores do local, ficam à margem das categorias que simbolizam poder, reconhecimento e valoração cultural.

Personagens principais deste texto, moradores de Prado expõem significativas reflexões que em muito podem contribuir para uma ampla discussão teórica.

Take final:

Salvador. Espaço de uma sala de aula ou de um auditório de uma determinada faculdade. Acadêmicos ouvem e discutem o que uma comunidade pensa sobre cultura, tradição, religiosidade e seu diálogo com as formas contemporâneas de existência e valorização das manifestações populares de sua cidade. Deste encontro, uma conversa sem fim...

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **O mercado dos bens simbólicos**. In: MICELI, Sérgio (org). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10^a ed. São Paulo: Global, 2001.

DIDONÊ, Débora. **São Benedito, o protetor dos pobres**. Revista das religiões: Santos e beatos, nº. 01. São Paulo: Editora Abril, 2005.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Mouros e Cristãos: cenas de um folguedo popular da cidade de Prado-Bahia**. Salvador: Dissertação de Mestrado, PPGAC/ UFBA, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia**. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. (org). **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.